

## **Do laboratório de informática à comunidade: o repositório vivo 'Professora de Biquini' e seus futuros alternativos para a ciberultura<sup>1</sup>**

Carina Nascimento d' Ávila<sup>2</sup>

Este trabalho apresenta três projetos pedagógicos que desenvolvi no laboratório de informática com estudantes do 5º ano, orientados por um uso crítico, criativo e descolonial (Quijano, 2005) das tecnologias.

Práticas como essas, me levaram à pesquisa que hoje se desdobra na “Professora de Biquini”<sup>3</sup>. É uma identidade que nasce do cansaço das telas e do meu próprio “retorno às águas” como forma de reconexão com um tempo mais lento, com o corpo e com a natureza. Além de perfil, criei um repositório dessas práticas e de outras práticas para que possam ser mixadas por demais educadoras e educadores.

Minha prática-pesquisa é inspirada na produção freirena, em especial pelo conceito de professora-pesquisadora (Freire, 2001) e na abordagem metodológica de ciberpesquisa-formação (Santos, 2019) a qual compreende a autoria docente inserida no contexto ciber-cultural, onde os códigos da linguagem se confluem e se interagem digitalmente (Santaella, 2001).

Códigos esses que ainda estão em plena disputa cumprindo a lógica do capital. a rede mundial de computadores que seria um ambiente propício para criação coletiva, converteu-se em uma arena de vigilância e litígio, pautada por vetores econômicos e políticos (Pretto, 2024), reproduzindo e recriando os processos de exclusão, insustentabilidade e de violências.

Para cooperar com o planeta, é necessário aproximar transpor o dualismo entre natureza e cultura, e, assim manifestar cosmotécnicas (Yuk Hui, 2024) que valorizem essa relação. Isso exige descolonizar os imaginários técnicos, reintegrar o espiritual ao fazer técnico, pensar tecnologias que cuidem, que se conectem à Terra em vez de explorá-la. “Pois todas as coisas ruins que estão

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no eixo I. Epistemologias decoloniais e ciberultura do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáspser Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup>Mestre e Doutoranda em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. carinandavila@gmail.com

<sup>3</sup>@professoradebiquini / www.professoradebiquini.wordpress.com

acontecendo no planeta Terra vêm de pessoas civilizadas, pessoas que não são, teoricamente, selvagens” (Guarani, 2020).

Dessa forma, os projetos que apresento brevemente a seguir atuam de forma complementar nesse ecossistema pedagógico: 'Meus Tempos de Tela' incita a percepção crítica sobre nossos hábitos digitais; 'Escuta, Coletividade e Fundo do Mar' age diretamente sobre a ansiedade, trazendo a serenidade das águas para o laboratório; e 'Presença Indígena: Uma Linha do Tempo Viva' confronta o esvaziamento informacional na internet, engajando os estudantes na descolonização ativa do saber.<sup>4</sup>

### “Meus tempos de tela”






Durante seis dias corridos, as/os estudantes mapearam o tempo de uso de telas, como é possível ver abaixo na tabela onde na primeira coluna estão as horas e nas colunas seguintes os dias da semana.

Nome do/da estudante: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI
01:00						
02:00						
03:00						
04:00						
05:00						
06:00						
07:00						
08:00						
09:00						
10:00						
11:00						

LEGENDA:

-  COMPUTADOR
-  SMARTPHONE
-  TABLET
-  TV
-  VIDEOGAME

---

<sup>4</sup>Todos os materiais utilizados e produzidos estão disponíveis em [professoradebiquini.wordpress.com](http://professoradebiquini.wordpress.com) para serem reutilizados.

Após, as turmas preenchem um formulário realizando contas para encontrar a média de uso de cada dispositivo durante esses dias. Houve a necessidade de solicitar a média de cada dispositivo, pois nem todas as crianças conseguiram preencher todos os dias. As respostas aos formulários não foram tão surpreendentes porque todas e todos nós já sabíamos das dificuldades de reduzir o acesso às telas. Porém, observamos que já há um movimento de algumas famílias e das próprias crianças de controlar esse tempo.

Compreendendo que da mesma forma que é necessário trazer à consciência o tempo de vida dedicado às telas, também é pertinente perceber os usos que são feitos com elas, criei perguntas relacionadas à autoria e à aprendizagem. Perguntei se lembravam de ter aprendido ou criado algo usando algum aparelho digital. Destaco aqui algumas respostas sobre aprendizados:

“Eu aprendi a fazer pepino japonês, bife e outra coisa que eu não lembro”

“Aprendi a fazer bananeira por mais tempo”

“Eu aprendi novas músicas no teclado”

E sobre criações:

“Um texto sobre a minha música favorita”

“Uma história que faço pelo computador”

“Um *app* que só entraram 2 pessoas”

Ao final, solicito que comentem sobre experiência e os usos dos dispositivos. Os comentários são variados: “gostei porque eu descobri meu tempo de tela, mas é muito tempo de tela”; Olha, sinceramente, achei que eu via mais do que eu vejo! Fiquei feliz!”; “Não gostei muito, e não tenho uma opinião sobre os usos de dispositivos digitais.” A etapa final foi a apresentação desses dados para as famílias, onde pudemos conversar um pouco sobre essas questões.

Este projeto foi um primeiro passo para a autonomia digital: transformar a consciência do tempo de uso em discernimento sobre a qualidade desse uso. Embora a dificuldade em reduzir o tempo total de tela seja uma realidade, o mapeamento permitiu que o foco se deslocasse do quanto para o como. As respostas sobre aprenderem a cozinhar, a tocar teclado ou a criar aplicativos e textos evidenciam a importância de estimular a autoria e o protagonismo, alinhando-se ao que Pretto (2018) defende ao afirmar que a escola deve potencializar a cultura digital para que crianças e jovens não sejam apenas consumidores, mas produtores de cultura e conhecimento.

### “Escuta, coletividade e fundo do mar”

Para inspirar a formação de autonomia das crianças, desenvolvi uma metodologia de trabalho simples: sempre inicio com uma conversa onde eu posso me conectar com as turmas e também combinamos como será organizado aqueles dois tempos de aula. Isso porque, após acessarem os computadores é muito mais difícil conseguir a atenção de todas/os. Mas, além disso, cada estudante consegue encontrar seu ritmo e soluções. E, sabemos que a Informática é um campo fértil no que diz respeito à variedade de soluções para um problema.

Porém, nos últimos tempos, essa conversa inicial foi ficando cada vez mais complicada. Geralmente o problema não era interesse no assunto, mas muitas crianças querendo falar sobre o mesmo e não conseguiam escutar ou pelo menos aguardar a sua vez de fala.

Comecei, então, a selecionar vídeos curtos para garantir a atenção de todos(as). Porém, muitas vezes, por mais tranquilos que fossem esses vídeos, acabavam estimulando ainda mais as crianças.

Foi, então, que encontrei vídeos disponíveis no *YouTube* em 4k<sup>5</sup> que somente mostram imagens do fundo do mar, sem narração e com uma música de fundo que cumpre bem esse papel. O resultado surpreendeu a todas nós, professoras, e algumas passaram, inclusive, a usar esses vídeos em sala. A proposta era que ao sentir vontade de falar, o/a estudante deveria observar se tinha mais alguém falando e olhar para o fundo do mar para aguardar a sua vez. A proposta foi tão eficiente que o vídeo continuava sendo projetado mesmo durante o uso dos computadores - o que promoveu mais tranquilidade e serenidade para as aulas.

Essa inesperada âncora visual e sonora nos mostrou que a escuta ativa exige serenidade. Ao projetar o fundo do mar, resgatamos simbolicamente a nossa conexão ancestral com o oceano, um ambiente que, em sua lentidão e imensidão, nos ensina sobre humildade e o aguardo. O mar, elemento que tudo recebe e devolve em seu próprio tempo, tornou-se o coração da nossa cosmotécnica do cuidado. Ele não apenas mediou a coletividade, mas também criou as condições para que as crianças pudessem encontrar seu próprio ritmo e formular soluções criativas, revelando como o silêncio também pode se tornar o solo fértil para a ação consciente.

---

<sup>5</sup>Exemplos de vídeos: [https://www.youtube.com/watch?v=7Lm2skxgM6E&list=RDQM61CDiQukERg&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=7Lm2skxgM6E&list=RDQM61CDiQukERg&start_radio=1)

## “Presença Indígena: Uma Linha do Tempo Viva”

Atuando de forma interdisciplinar com Estudos Sociais, iniciamos uma simples atividade que acabou se tornando um grande projeto. Projetamos uma linha do tempo somente com datas e pedimos para que preenchessem com fatos marcantes históricos que lembrassem, sem pesquisarem. Foi então que observamos uma total ausência de fatos conectados à presença indígena no Brasil. Não somente na lembrança das/dos estudantes, mas também não encontramos nenhuma publicação onde tais fatos estivessem organizados. Por isso, decidimos nos engajar na escrita dessa linha do tempo viva com todas as turmas do 5º ano, aproximadamente 120 estudantes.

Esse projeto foi essencial para destacar não só a ausência dessas informações, mas a maneira como estão divulgadas na internet e também a maneira como a maioria dos/das estudantes faz pesquisa e a importância da presença docente nesses processos.

Um dos exemplos, foi a pesquisa sobre a promulgação da lei 6.001/73 que estabelece o “Estatuto do Índio” - como se chamava na época. As estudantes me mostraram a pesquisa supostamente concluída onde demonstravam as maravilhas e a importância da lei. Estranhei, porém, e, em conjunto com a professora de turma, resolvemos investigar mais a fundo. As alunas ficaram chocadas com os achados. E assim escreveram no último slide da apresentação:

“Bondade? Acho que não...

você acredita que não foi por bondade que o presidente Emílio Garrastazu, em 19 de dezembro de 1973 criou essa lei? Acredita que ele criou esta lei apenas porque o Brasil estava sendo acusado de genocídio, ou melhor, de matar os povos originários? Essa lei tirou a “fama” de maldade aos povos indígenas do Brasil, mas o pior de tudo é que o Brasil matou mesmo muitos dos integrantes desses povos! Pois é! O presidente só fez isso para apagar do livro o que já aconteceu, mas temos que saber sobre os nossos erros passados para não repetir-os novamente.”

Ao corpo discente era necessário lembrar diariamente sobre o fazer pesquisa na internet. Ainda não se acostumaram em ir além das respostas iniciais que o buscador oferece, atualmente organizado por IA, inclusive. E no caso da história dos povos indígenas, o problema é ainda mais profundo pelo proposital esvaziamento dessa memória. Por isso, precisei indicar alguns *sites* de

autoria indígena<sup>6</sup>, buscando sempre reforçar a importância de buscarmos compreender as suas histórias a partir de suas narrativas. Com o tempo, os nomes dos *sites* passaram a compor a fala cotidiana, sem esforço.

Porém, as/os estudantes ainda tinham dificuldade de escrever a pesquisa de forma autoral que era uma demanda expressa da atividade. A orientação era para evitar as cópias de textos, mas caso fossem necessárias, reforçamos muito a necessidade de fazer as devidas referências - o que era uma grande dificuldade.

Alguns cartazes foram necessários para ajudar todo a relembrar todos esses processos de pesquisa:

### **Como fazer pesquisa?**

1. seja curiosa/curioso
2. pesquise em vários sites
3. leia e escreva sobre o assunto com entusiasmo!

### **Não faça PLÁGIOS, além de não ser legal, é ilegal!**

Se você realmente precisa copiar algum texto ou imagem, é OBRIGATÓRIO colocar a referência (link) de onde você encontrou!!!

Constantemente eu também as/os lembrava da importância deste projeto como um trabalho de divulgação científica, principalmente pela ausência de informações sobre as questões indígenas. É necessário que a escola também seja um espaço de divulgação e as plataformas virtuais podem ser usadas nesse sentido favorecendo o uso crítico e criativo por parte dos/das estudantes.

### **(In)Conclusões**

Em conjunto, os projetos buscam compor um ecossistema pedagógico orientado por lógicas alternativas às das Big Techs. 'Meus Tempos de Tela' fomentou a percepção crítica; 'Escuta, Coletividade e Fundo do Mar' voltou-se para a ética do cuidado; e 'Presença Indígena' propôs um uso descolonial da tecnologia, guiando os estudantes a desvelarem a "colonialidade do

---

<sup>6</sup><https://apiboficial.org/>  
<https://pib.socioambiental.org/>  
<https://mirim.org/>  
<https://terrasindigenas.org.br/>

poder" (QUIJANO), expressa na contundente conclusão discente: "Bondade? Acho que não...". A "Professora de Biquini", em construção, almeja ser o repositório dessas experiências, na expectativa de inspirar outros educadores e contribuir para a materialização de futuros tecnológicos mais críticos, comunitários e cognitivamente justos.



“Imagine”

Imagem feita com muita conversa com IA

Palavras-chave: Cibercultura Decolonial; Pedagogias do Cuidado; Autoria Discente; Futuros Alternativos; Repositório Vivo.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GUARANI, Jerá. **Tornar-se selvagem**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 14, p. 12-19, jul. 2020.

HUI, Yuk. **Sobre Cosmotécnica: Para uma Relação Renovada entre Tecnologia e Natureza no Antropoceno** - tradução de MENDES, J.. *Anthropocena. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, 5, 113–134, 2024 <https://doi.org/10.21814/anthropocena.5989>

PRETTO, Nelson; BONILLA, Maria Helena. Tecnologias e educações: um caminho em aberto. **Em aberto**, v.35, n.113, p. 225-230, jan/abr., 2022. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5085>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf).

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.